

O Corpo do Apresentador no Telejornal: o Gestual em Cena¹

Gabriel Landim de SOUZA²

Gilze BARA³

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo discute a influência da expressividade e da gestualidade do apresentador nas enunciações de um telejornal, bem como sua atuação no estúdio. A comunicação se define não só pelas palavras faladas, mas também por gestos, expressões e movimentos de todo o corpo. No telejornalismo, o apresentador se abre cada vez mais à informalidade e à espontaneidade. Para operacionalizar o debate proposto, analisamos a apresentação de Érica Salazar no MGTV 1ª Edição, telejornal da TV Integração, afiliada da Rede Globo em Minas Gerais. Para isso, observamos e citamos movimentos manuais e de cabeça da apresentadora, suas expressões faciais com o uso de sobrancelhas, olhos e boca, além da relação de seu corpo com a bancada, assistindo a algumas edições do telejornal. A análise também contou com uma entrevista concedida por Érica Salazar.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo. Apresentador. Gestos. Érica Salazar.

Introdução

A televisão ainda é a única fonte de informação para significativa parte da população brasileira e se destaca como o principal meio de comunicação do país. É através dela que muitos temas são discutidos, com destaque nos telejornais. No telejornalismo, as histórias informam e geram algum tipo de sentimento no telespectador. Essas histórias são introduzidas pelos apresentadores, que transmitem a informação de maneira que o público entenda. Mais do que isso, estabelecem, como consequência, uma relação de intimidade e credibilidade com quem está assistindo. O modo como as informações são apresentadas influencia na maneira como as pessoas recebem a notícia. Os telespectadores têm se tornado cada vez mais exigentes e a concorrência com outros canais continua sendo um dos desafios, sem contar a competição com a internet. Por isso, os noticiários de TV tiveram uma nova roupagem,

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, no XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e jornalista na TV Integração – Afiliada Globo na Zona da Mata e Campo das Vertentes em Minas Gerais, e-mail: gabriellandim@outlook.com.

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Professora e Coordenadora dos cursos de Comunicação Social – Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), e-mail: gilze.bara@gmail.com.

com o rompimento de paradigmas construídos por muitos anos. Os apresentadores estão cada vez mais informais, utilizando gestos e expressões que sejam capazes de atrair a atenção do público. O apresentador é humanizado, tem sentimentos à mostra, não só conta o que aconteceu, mas transmite a emoção da enunciação a partir do seu corpo.

Este artigo busca analisar a comunicação corporal no telejornalismo, observando a influência das expressões e dos gestos nas enunciações. Para ratificar a importância da comunicação corporal junto às palavras faladas, assistimos a algumas edições do telejornal MGTV 1ª edição, da TV Integração – Afiliada Globo na Zona da Mata e no Campo das Vertentes em Minas Gerais, e citamos as expressões faciais compostas por movimentos de olhos, sobrancelhas e boca, meneios de cabeça e gestos manuais da apresentadora Érica Salazar. Para auxiliar no debate sobre as mudanças contemporâneas na apresentação e destacar a importância da comunicação não verbal em cena, ouvimos a apresentadora em uma entrevista. Erica Salazar, que por anos apresentou sentada atrás de uma mesa triangular sem poder se movimentar, atualmente caminha pelo estúdio, meneia a cabeça, movimentando mãos e sobrancelhas, para reforçar a enunciação e impactar de maneira mais intensa o telespectador.

Olhares sobre o telejornalismo e seus apresentadores

A televisão ainda é o principal meio de comunicação do brasileiro. Segundo dados de 2015 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a TV está presente em 97,1% dos 68 milhões de lares brasileiros. O número só não é maior que o de geladeira, que está em 97,8% dos lares, e o de fogão, presente em 98,8% das residências pesquisadas. Apesar do crescimento cibernético contemporâneo, a internet e os computadores ainda estão longe de alcançar a televisão. De acordo com a Pnad, 46,2% dos domicílios possuem computador, sendo que 40,5% das residências têm acesso à internet (PNAD, 2016).

Sean Hagen (2008) acredita que, com os olhos fixos do público, a TV não só define o que é informação, mas se torna ela própria uma informação para o telespectador. Ela está totalmente inserida em nossa rotina – está conosco nos afazeres domésticos, no comércio, nas rodas de conversas ou servindo de companhia, mesmo que esteja ligada sem receber atenção. O show que todos os dias entra na casa do telespectador é construído para causar fascinação. Flávio Porcello (2006; 2008) diz que a TV aumenta o peso da imagem em relação ao valor da palavra, pois o receptor

decodifica mais facilmente os códigos visuais. Essa fascinação contribui para alcançar a credibilidade do público: “Se apareceu na TV, então aconteceu” (PORCELLO, 2006, p. 146; 2008, p. 51). Os assuntos abordados nesse meio fazem parte da vida da população. Assim como na Grécia Antiga, em que a *Ágora*⁴ era o ponto de encontro das pessoas, o telejornalismo, segundo Flávio Porcello e Roberto Ramos (2012), cumpre hoje a função das praças públicas. É através deste modo de fazer televisão que o público acompanha e participa dos assuntos do cotidiano. Para Iluska Coutinho (2005), os telejornais suprem uma função pública no Brasil, pois “[...] acabam por se apresentar como mediação entre a experiência vivida pelo outro, cuja fala aparece na tela e no mundo, e a vida particular de cada telespectador em suas relações com a sociedade” (COUTINHO, 2009, p. 73).

Os relatos televisivos são apresentados ao público através de versões enunciadas por apresentadores. Juliana Gutmann (2009) afirma que os apresentadores são “delegados do discurso” e convocam o público para os enunciados, com a autoridade de mostrar o que é notícia. Essa ancoragem utiliza de palavras, gestos, imagens, expressões e do próprio corpo, o que contribui para uma melhor compreensão do relato por parte do receptor. Hagen (2008) afirma que a forte representação emocional dos apresentadores é outro fator capaz de promover a identificação, sem interferir nos preceitos jornalísticos. É o apresentador quem faz a mediação para que o espetáculo televisivo seja entendido, a partir do clima de familiaridade construído em cena. Ele tenta ganhar a simpatia do público, com suas palavras e expressões e, conseqüentemente, causa uma intimidade que, na realidade, não existe. Para construir esse diálogo visual, o apresentador deve ter capacidade e empatia. Os apresentadores articulam as histórias contadas no telejornal direcionando o olhar para a câmera, o que causa o efeito imediato de estar olhando diretamente para o telespectador. Sobre essa aproximação “olho no olho”, Régis Debray (1993) faz uma analogia entre o apresentador e a presença divina:

[...] a visão do apresentador cotidiano não apaga, com certeza, nossos pecados, como a Presença divina no ritual católico, mas observemos que, apesar de todas as suas diferenças de estatuto, os dois suportes humanos da revelação têm, antes de tudo, a frontalidade em comum. Olhos nos olhos, face a face. [...] São, por natureza, Seres de face, retos sem verso, corpos gloriosos sem barrigas da perna, nádegas ou nuca: puras subjetividades não-objetiváveis. Esses homens-tronco não são o Verbo, mas o Real encarnado, isto é, o Acontecimento em sua luminosa Verdade. (DEBRAY, 1993, p. 297)

⁴ Praça principal das antigas cidades gregas, local que servia para a realização das assembleias do povo.

É no rosto do apresentador que o telespectador busca a compreensão das reportagens. A imagem de competência e excelência transmitida por eles assegura a credibilidade da informação e, conseqüentemente, a audiência da própria emissora.

Para além da voz: o gestual dos apresentadores

O ser humano tem a necessidade de se comunicar, seja para suprir as demandas vitais ou para se relacionar. Leny Kyrillos (2003) diz que essa comunicação se dá não só por meio da voz e da fala, mas também de gestos, expressões faciais, postura corporal, aparência física e até pelas roupas utilizadas. Todos esses elementos “compõem o efeito final da comunicação, permitindo imensa variabilidade e inúmeras possibilidades de demonstrar todos os tipos de sentimento, intenção e de vontade” (KYRILLOS, 2003, p. 16). A autora afirma que cerca de 70% da expressividade de um comunicador recaem sobre o não-verbal. Antes mesmo de abrimos a boca para falar algo, ainda em silêncio, já estamos nos comunicando. Quando falamos para a TV, vivenciamos uma comunicação artificial, em que cada detalhe pode revelar algo. Unir os recursos verbais e não-verbais é desafiador para os jornalistas de TV, que precisam de técnica, estudo e prática, sendo necessário combinar um “bom texto, voz agradável, articulação clara e gestos e expressões corporais ilustrativos e harmoniosos” (KYRILLOS, 2003, p. 45).

Através dos gestos, é possível alcançar a emoção e a fidelidade nos telespectadores. Hagen (2008) diz que para conseguir esta emoção é preciso se comunicar naturalmente, como numa conversação face a face. Os locutores-apresentadores de antigamente utilizavam posturas formais, conduzindo verdadeiras solenidades. Hoje, os corpos, as posturas e as próprias vozes deram espaço à informalidade. Os profissionais também estão mais inseridos nos assuntos, o que contribui para a comunicação informal. Além disso, é impossível falar da gestualidade e da expressividade na apresentação de um telejornal sem falar dos enquadramentos, que passam por constantes reformulações, tendo em vista a aproximação com o público. Os planos estáticos e fechados no rosto do apresentador deram lugar aos movimentos de câmera e aos enquadramentos mais abertos. Esse modelo de enquadramento antigo que não ultrapassava a altura dos ombros, em que os rostos enchiam a tela da TV, é designado por Mello Silva (2009), citado por Ariane Pereira (2015), como “cabeças falantes”. Na década de 1980, segundo Pereira (2015), não só a marca do telejornal já estava em cena, como também os braços e as mãos dos apresentadores. Neste contexto,

o termo “cabeça falante” deu lugar ao que Mello Silva (2009) (apud PEREIRA, 2015) chama de “corpos expressivos”. Os apresentadores já estão imersos na cena de corpo inteiro, utilizam gestos antes jamais praticados, caminham pelo estúdio, interagem com repórteres em telões e com entrevistados dentro do cenário. A bancada, adereço essencial como ponto de ancoragem nos telejornais passados, ainda continua em cena, porém menor e com pouca representatividade. O “olho no olho”, realizado via lente da câmera como uma demonstração de confiabilidade, foi reformulado nos anos 1990. Segundo Pereira (2015), com enquadramentos mais abertos, o rosto se afastou da lente da câmera e as expressões faciais passaram a ser mais fortes para serem percebidas.

Porcello e Ramos (2012) afirmam que a percepção do conteúdo por parte do público depende diretamente da expressão do olhar de quem está falando. Assim, quanto maior for a expressividade do apresentador, maior será o interesse de quem assiste. Sem uma boa expressividade, a rapidez televisiva pode prejudicar o entendimento por parte do telespectador. Kyrillos (2003) argumenta que os gestos colaboram com as palavras e que todo o corpo é colocado em ação ao dar a notícia. Essa postura informal, segundo Pereira (2015), é uma demanda do próprio público, que deseja ver o apresentador no mesmo patamar que o telespectador, demonstrando sentimentos e emoções. O apresentador é um ator em cena e produz significação em um telejornal a partir da encenação construída. Há uma grande preocupação com os gestos das mãos, os movimentos dos braços e do tronco, as expressões faciais e os meneios de cabeça, que são capazes de substituir falas, abrir ou fechar comunicações. Os gestos de pontuação, que coincidem com a voz, potencializam a expressividade do apresentador.

Pierre Weil (2015) afirma que a região ocular, por exemplo, é de grande importância expressiva e pode revelar a atitude da mente. As sobrancelhas abaixadas, por exemplo, podem significar concentração, reflexão ou seriedade; sobrancelhas levantadas podem transparecer surpresa, espanto ou alegria; já os olhos brilhantes, entusiasmo e felicidade; olhos baços podem significar desânimo e tristeza. Já na boca, Kyrillos (2003) destaca que uma boa articulação dos lábios é essencial para o entendimento da mensagem e equilibra a expressividade facial. Weil (2015) aponta que os lábios arqueados para cima podem remeter ao prazer, satisfação e alegria; já arqueados para baixo, significam desprazer, tristeza e insatisfação; e se os lábios se tornam um bico, eles podem transparecer dúvida, contrariedade ou raiva. “Braço, nariz ou mão dizem palavras, ou até frases inteiras. Somadas, formam um sentido geral que,

por percepção direta, um observador treinado entende na sua totalidade e instantaneamente” (WEIL, 2015, p. 184-185). Para o autor, a quebra de paradigmas na apresentação reduz as tensões e dá mais liberdade para fazer o que antes era proibido.

A expressividade facial trabalha em conjunto com todo o corpo. Os gestos manuais destacam o que há de mais importante no que está sendo falado. Por isso devem reforçar e nunca contrariar a informação transmitida. “As mãos desenham a fala, pontuando e fixando suas ideias para o ouvinte” (KYRILLOS, 2003, p. 72). Enquanto a falta desses gestos demonstra apatia e rigidez, o excesso de movimentos com as mãos pode demonstrar nervosismo e desviar a atenção do telespectador. Além dos gestos, uma boa postura auxilia na impositação da voz, influencia a projeção vocal, indica o nível de envolvimento e a maneira como os participantes dessa conversa se relacionam. Essa harmonia entre o não verbal e a palavra falada é o que ilustramos a seguir.

A apresentação no MGTV 1ª Edição

Para entender como a comunicação corporal está diretamente ligada às enunciações de um telejornal, analisamos nosso objeto empírico de estudo, a apresentação de Érica Salazar no MGTV 1ª Edição (Rede Globo), a partir da observação de edições disponíveis no portal da emissora e dos relatos da jornalista, coletados em uma entrevista realizada na sede da TV Integração em Juiz de Fora, Minas Gerais.

Há cerca de 17 anos, a jornalista Érica Salazar cumpre o papel de apresentadora do MGTV (Rede Globo), já tendo comandado as duas edições diárias do telejornal. Atualmente apresentando o MGTV 1ª edição, ela caminha pelo estúdio, aparece de corpo inteiro, gesticula, sorri, improvisa, além de revelar sentimentos de acordo com as informações faladas, através de suas expressões. O referido telejornal sofreu grandes transformações no ano de 2011, protagonizadas por Érica Salazar, com novidades que fugiam dos formatos de apresentação utilizados até então: a redução do tamanho da bancada e a postura da apresentadora, que começou a circular pelo cenário. Antes da mudança, ela apresentava sentada atrás de uma mesa triangular, que ocupava praticamente todo o estúdio. O formato antigo permaneceu no ar por 13 anos. Somente a parte superior do corpo da apresentadora era vista. As mãos também ficavam fixas e a apresentadora não utilizava muitos gestos. “Com essas mudanças, me senti mais à vontade. Pude, de fato, mostrar meu gestual, falar mais direcionado ao telespectador e a apresentação ficou mais viva” (SALAZAR, 2017). Segundo a apresentadora, as

mudanças foram inspiradas no RJTV, telejornal da Globo do Rio de Janeiro, que recebeu modificações significativas com a jornalista Ana Paula Araújo.

Para Érica Salazar, a bancada se tornou um simples mobiliário para compor o cenário e já não faz tanta diferença para o apresentador.

Eu conseguiria apresentar um telejornal inteiro sem bancada, até porque hoje já não existe mais a ideia de que atrás desse objeto há uma figura mais importante. Eu só a utilizo como um apoio para as mãos e o tablet. Ela ainda quebra a aproximação que tanto lutamos para alcançar. No futuro, ela pode tanto voltar em tamanho maior quanto deixar de existir. (SALAZAR, 2017)

Além da bancada, a apresentadora destacou que a instalação dos dois telões também foi fundamental para a espontaneidade em cena. “Eles servem como pontos de ancoragem, janelas pelas quais consigo me comunicar com quem está fora do estúdio”. As expressões faciais e os gestos da apresentadora passaram a ser mais representativos, auxiliando o telespectador na interpretação de cada enunciado.

Analisamos, portanto, a apresentação de Érica Salazar em quatro edições do MGTV, veiculadas em semanas consecutivas nos seguintes dias: segunda-feira (28 de agosto de 2017); quarta-feira (6 de setembro de 2017); sexta-feira (15 de setembro de 2017); e sábado (23 de setembro de 2017). A duração líquida média do MGTV 1ª edição foi de 38 minutos e 42 segundos. A escolha das edições se deu pelo distanciamento entre as datas de exibição e pela peculiaridade de cada uma delas.

A edição de segunda-feira contou com cinco VTs, uma participação ao vivo, 10 notas cobertas, cinco notas secas, quatro artes, três vinhetas (dos quadros “VC no MGTV”⁵, trânsito e esporte), chamadas do programa Globo Esporte e do “Repórter Mirim”⁶, uma apresentação do “Waze”⁷ no telão, escalada gravada, passagem de bloco, além do encerramento. Foram 21 materiais “hard news” e nove “light news”, o que comprova que a edição de segunda-feira é construída de mais factuais e notícias quentes, principalmente por ser o primeiro dia útil. Neste dia, dentro do quadro “Você no MGTV”, Érica Salazar chama o telespectador para conferir fotos de um bueiro em situação de risco. Enquanto ela diz “vem ver aqui comigo”, o dedão aponta para o telão.

⁵ Quadro que exhibe fotos e vídeos enviados pelos telespectadores, com reclamações e flagrantes.

⁶ Quadro que exhibe reportagens feitas por crianças, na semana em que se comemora o “Dia das Crianças”.

⁷ Aplicativo com informações em tempo real do trânsito, atualmente com versão para telejornais.



Figura 1 – Érica Salazar apontando o dedo para o telão

Ao dar a resposta da Secretária de Obras de Juiz de Fora ao telespectador que enviou a mensagem, ela utiliza uma expressão de indignação. Ao proferir as palavras “Ô Elieson, a secretaria de obras disse que vai arrumar esse bueiro, só não disse quando”, em primeiro plano, ela inclina a cabeça à frente demonstrando seriedade e levanta as sobrancelhas em sinal de indignação pela falta de uma data para a resolução do problema. Em uma outra reclamação de morador, ela novamente utiliza as mãos, desta vez para enumerar as tentativas que os órgãos públicos teriam feito para resolver o problema, o que reforça a afirmação de que os gestos ratificam as palavras. Ao dizer “Ô Luísa, a Prefeitura de Juiz de Fora disse que notificou, intimou, autuou...”, ela encosta o dedão em outros três dedos da mesma mão, fazendo uma contagem das tentativas – sendo elas, “notificou”, “intimou” e “autuou”. Em uma nota seca desta mesma edição, Érica fala sobre uma multa aplicada pelo Tribunal de Contas ao ex-prefeito da cidade de Coronel Pacheco. Em um primeiro plano, a apresentadora utiliza uma expressão séria, com cabeça inclinada um pouco à frente e sobrancelhas abaixadas. Ao dizer que uma ação dos acusados foi feita “sem justificativa”, ela faz um leve sinal negativo com a cabeça, indicando a falta desta justificativa. Ao falar sobre um acidente na BR-116, em Muriaé, ela diz que “o trânsito foi liberado ontem à noite”, fazendo um sinal com o dedão para trás, levando-o na altura do ombro e destacando a temporalidade do fato. Na mesma edição, ela ergue a sobrancelha para dizer sobre a massa de ar seco que estava chegando à região, o que aumentaria os riscos de incêndio.



Figura 2 – Érica Salazar levantando as sobrancelhas

Em uma matéria sobre as diferenças apontadas entre negros e brancos, ela aponta as mãos para um lado para dizer a palavra “negros” e para o outro lado diferente para dizer “brancos”, simbolizando a separação. Quando a matéria chega ao fim, Érica faz um sinal positivo com a cabeça, concordando com a ação mostrada na reportagem, dizendo: “de arrepiar, parabéns para as meninas, continuem a luta”.

De todas as enunciações da apresentadora nesta edição, cerca de 56,3% foram fora da bancada – ficando esse objeto ao lado da apresentadora ou totalmente fora de cena. Em cerca de 75% das enunciações desta edição, as mãos ou o corpo apareceram e, no restante, somente a expressividade facial predominou: foram oito enunciações estando atrás da bancada, mas com as mãos aparecendo; seis com somente o rosto à mostra; 15 sem o uso da bancada em destaque e com as mãos aparecendo; duas sem a bancada e sem as mãos, em close no rosto; e ainda uma vez de corpo inteiro no vídeo.

Já na quarta-feira (6 de setembro), a edição contou com sete VTs, quatro entradas ao vivo, três notas cobertas, seis notas secas, quatro artes, três vinhetas (uma do trânsito, outra abrindo o quadro “MGTec”⁸ e uma terceira dentro desse mesmo quadro de nome “fica a dica”, com a dica tecnológica do dia), uma apresentação mostrando o trânsito pelo aplicativo Waze no telão, a escalada gravada, três passagens de bloco e o encerramento com os créditos. A edição de quarta-feira contou com 18 materiais “hard news” e dez “light news”. O número de notícias mais quentes pode ser explicado pela proximidade da data com o dia sete de setembro, em que o telejornal abordou o movimento nas estradas e os serviços para o feriado. Neste dia, a apresentadora abriu o jornal fazendo uma brincadeira com o telespectador. Na véspera de feriadão, ao dizer “aquela quarta feira com uma cara danada de sexta, é pra quem pode...”, a apresentadora abriu os braços, reforçando a receptividade ao telespectador. É como se ela dissesse “Seja bem-vindo!”, deixando a conversa bem mais próxima do público.



Figura 3 – Érica Salazar abrindo os braços com a palma das mãos para cima

⁸ Quadro de notícias de tecnologia da região.

As expressões de sorriso ao falar e os meneios de cabeça em sinal positivo ajudaram nessa identificação. Ao dizer “Se você tá de folga nesse feriado...”, ela aponta a mão para a lente da câmera. Ao dizer “aproveite e se liga aqui nas notícias que são destaque hoje”, ela aponta o dedo indicador da mão esquerda para baixo, convidando quem assiste a “se ligar” no estúdio, nas notícias do dia. Ela abre o jornal, na primeira notícia, com o dedão da mão esquerda dentro do bolso da calça jeans, dando um aspecto de despojamento na apresentação. Ao enunciar a pergunta de como deve ficar o trânsito no feriado dentro da cidade, ela gira a mão deixando as palmas para cima, simbolizando um sinal de dúvida. Logo, convida o telespectador para ir ao telão ver o mapa do trânsito, chamando com a mão direita. Nesta mesma edição, ao anunciar que a passagem de ônibus em Barbacena ficaria mais barata, Érica dá um leve sorriso e a cabeça fica mais inclinada para cima, como se estivesse feliz e compartilhando essa alegria da diminuição do preço com o telespectador. Na previsão do tempo, ao falar que as temperaturas continuam subindo, ela faz um movimento levantando a mão e os braços para cima em sinal de elevação e, quando diz que não vai ter chuva, ela sinaliza com as duas mãos em sentido horizontal, uma por cima da outra, em sentido negativo. Mais uma vez chama o telespectador para “ir lá para fora” a partir do telão, servindo esse objeto como uma extensão do cenário. Ao retornar de uma matéria sobre doação de sangue, em que a última entrevistada faz um apelo para alcançar doadores, a apresentadora dá um leve sorriso e faz um sinal de concordância com a cabeça se movimentando para cima e para baixo, se sensibilizando com o pedido.

Ao abrir o quadro “MGTec”, Érica chama o assunto “depressão” com a cabeça inclinada levemente para a frente, sobrancelhas baixas, a testa um pouco enrugada e o olhar mais tenso. A partir disso, ela chama a apresentadora Camila Saenz com a mão esquerda. Depois de exibir a primeira matéria, Érica comenta com Camila sobre o tema, gesticulando como que em uma conversa informal entre amigos. Enquanto Camila comenta, Érica encosta o cotovelo na bancada e descansa o queixo na própria mão.



Figura 4 – Érica Salazar e Camila Saenz durante o quadro MG Tec

Ao falar sobre a “ânsia de conseguir seguidores nas redes sociais”, ela movimentava rapidamente as duas mãos, simbolizando um aceleração. Na última passagem de bloco do telejornal, Érica diz que vai mostrar um projeto curioso após o intervalo e, para isso, sorri, permanece com sobrancelhas levantadas, ergue a cabeça várias vezes e pontua com as mãos sobre as características do assunto. Ao se despedir, no fim do jornal, Érica abre as mãos ao dizer que acabou a edição e pontua com um gesto manual ao falar que o Globo Esporte viria logo em seguida.

Nesta edição, foram 56% das enunciações fora da bancada. As mãos e o corpo apareceram em 84% das enunciações de Érica Salazar: no total, foram nove enunciações estando atrás da bancada, mas com as mãos aparecendo; duas com somente o rosto à mostra; nove sem o uso da bancada em destaque e com as mãos aparecendo; duas sem a bancada e sem as mãos, em close no rosto; e ainda três vezes de corpo inteiro no vídeo.

A edição de sexta-feira (15 de setembro) foi construída por nove VTs, duas entradas ao vivo, uma nota coberta, duas notas secas, um stand-up, quatro artes, duas vinhetas (de trânsito e do quadro “Diversão e Arte”⁹), uma apresentação do trânsito, escalada gravada, três passagens de bloco, três VTs de convites para shows exibidos após as passagens de bloco, e o encerramento. Foram oito materiais “hard news” e 18 “light news”, na edição que é característica por conteúdos de cultura e entretenimento.

Nesta edição, ao dar a notícia de que “chegou a sexta-feira”, ela abre um grande sorriso, chega a levantar a cabeça e inclina o corpo para trás, demonstrando entusiasmo. Na segunda passagem de bloco, a apresentadora inclina a cabeça à frente e fica com o rosto mais fechado, um olhar intenso, ao falar sobre a apresentação de presos pela Polícia Civil. Ao mudar de assunto, abre um leve sorriso e inclina a cabeça para trás para falar sobre as celebrações da padroeira da cidade de Barbacena. A apresentadora aperta os olhos, franze a testa, baixa as sobrancelhas e inclina a cabeça à frente ao falar da previsão de tempo seco e da falta de chuva. No terceiro bloco, ela utiliza a seguinte frase para chamar uma matéria: “Você quer ter sucesso nos negócios? Tem que estar preparado para cair, levantar, se reinventar”. Para pontuar as palavras, ela mexe com o corpo: quando diz “cair”, tomba a cabeça para a esquerda; quando fala “levantar”, faz o mesmo para a direita; e ao dizer “se reinventar”, ela volta à postura ereta, fica com os olhos mais abertos, cabeça e sobrancelhas erguidas, simbolizando superação.

⁹ Quadro com atrações culturais – música, teatro, dança, exposição – e a agenda para o fim de semana.



Figura 5 – Érica Salazar fazendo meneios de cabeça.

No último bloco da edição, dentro do quadro “Diversão e Arte”, Érica recebe, de trás da bancada, a apresentadora cultural Ana Paula Cruzeiro, que fica de pé no cenário. Ao dizer que o “Diversão e Arte” está no ar, Érica se inclina totalmente em cima da bancada, joga parte de seu corpo para a frente, demonstrando animação. Logo diz que “a gente já começa arrebrandando”, fazendo um gesto de explosão com a mão. Durante praticamente toda esta edição – em 94% das enunciações – as mãos fizeram parte da apresentação. A bancada permaneceu em 44% da edição. Foram sete enunciações atrás da bancada com as mãos expostas e nove sem o uso da bancada e com as mãos em cena.

Já na edição de sábado (23 de setembro), foram seis VTs, uma entrada ao vivo, três notas cobertas, uma nota seca, uma arte da previsão do tempo, cinco vinhetas (esporte, trânsito e dos quadros “Meu Talento”¹⁰, “Heróis do Cotidiano”¹¹ e “Memória MGTV”¹²), uma apresentação do trânsito, uma entrevista em estúdio, a escalada, duas passagens de bloco e o encerramento. Foi a edição mais curta, com seis materiais “hard news” e dez “light news”, comprovando que, no sábado, o telejornal é mais leve.

Neste dia, ao dizer “vem comigo olhar para o céu de Juiz de Fora”, ela se vira para o telão ficando completamente de costas para a câmera, o que leva o telespectador a colocar toda a atenção ao que está sendo mostrado. Em entrevista ao jornalista Lair Rennó, ela apoia os ombros sobre a bancada, deixando a apresentação mais descontraída. Depois de ganhar uma caneca do entrevistado, Érica se vira para a câmera sorrindo, se inclina à frente e junta as duas mãos em forma de agradecimento. Ao fim da entrevista, ela aponta a mão para a câmera, convidando o telespectador para participar do show do jornalista em Juiz de Fora. Ela encerra a edição com o corpo todo à mostra e aponta o dedo para o chão ao dizer que vai esperar o telespectador na próxima edição.

¹⁰ Quadro que exibe reportagens sobre profissões e suas características.

¹¹ Quadro que exibe reportagens sobre personagens que fazem a diferença na sociedade pelos seus atos.

¹² Quadro que exibe reportagens resgatadas pelo Centro de Documentação (Cedoc) da TV Integração.



Figura 6 – Érica Salazar faz sinal de agradecimento com as mãos unidas

Na edição de sábado, diferentemente das outras, a apresentadora ficou mais tempo atrás da bancada – cerca de 67%. Aproximadamente 67% das enunciações foram acompanhadas de gestos com as mãos ou de corpo inteiro: ao todo, foram oito enunciações atrás da bancada e com as mãos aparecendo; quatro atrás da bancada, sem o uso das mãos e com o rosto em destaque; quatro fora da bancada e com as mãos à mostra; e duas também fora da bancada, mas sem o uso das mãos.

Nas quatro edições analisadas, foram, ao todo, 53 materiais “hard news” e 47 deles “light news”. As edições contaram com 27 VTs, oito entradas ao vivo, 17 notas cobertas, 14 notas secas e 13 artes. Entre as edições analisadas, a de sábado foi a que teve maior quantidade de enunciações feitas com o uso da bancada (67%). Conseqüentemente, foi a que teve o maior número de enquadramentos com apenas o rosto da apresentadora (33%) e a menor presença das mãos em cena (67%).

Após esta análise das edições do MGTV, o que se nota, em geral, é que, quando a apresentadora não utiliza nenhum gesto específico, as mãos ficam uma sobre a outra em posição neutra. Assim, não há risco de confundir o telespectador. Ao iniciar e encerrar o jornal, geralmente Érica dá um leve sorriso, o que causa uma aproximação com quem está “chegando” ou “saindo” do jornal. Nas quatro edições analisadas, as mãos e o corpo predominaram – com cerca de 79% – entre as enunciações. A expressividade facial, sem acompanhamento de gestos, foi predominante em somente 19 das 91 enunciações. Apesar do predomínio da gestualidade das mãos nas apresentações, o corpo inteiro só apareceu em 5,5% das enunciações. O corpo todo em tela, que ainda é pouco usado no telejornal, é mais comum nas passagens de bloco e no encerramento das edições. Mesmo assim, percebemos que a gestualidade é predominante na apresentação.

Considerações finais

A partir de nosso objeto de estudo, a apresentação de Érica Salazar no MGTV 1ª Edição, percebemos como o telejornalismo se abriu para novas possibilidades de

expressividade corporal, atreladas às mudanças de enquadramento. A apresentadora utiliza enunciações mais espontâneas, com um texto bastante coloquial, numa linguagem televisiva que extrapola preceitos jornalísticos antigos e tradicionais. Na análise, foi possível perceber, por exemplo, que o rosto da apresentadora em close na tela perdeu espaço, o que explica o uso contínuo de expressões faciais fortes, para serem significantes. A bancada, adereço indispensável há alguns anos, esteve presente em menos da metade das enunciações. Em alguns anos atrás, certos gestos e expressões citados acima jamais eram aceitos na televisão, seriam considerados erros graves e também não se encaixariam no gosto do próprio telespectador. Mas é este mesmo público que agora quer se sentir mais à vontade assistindo ao telejornal e consegue alcançar isso pela informalidade em cena. A formalidade abre espaço para que a sala de estar do telespectador seja um complemento do estúdio. Toda a gestualidade e expressividade de Érica Salazar na apresentação contribuem para o entendimento dos enunciados. A jornalista se tornou, ela própria, uma informação para o público. Uma referência de jornalismo regional que atinge a população de Juiz de Fora e do entorno historicamente e consegue representar o público em sua totalidade, através das estratégias de arrebatamento e aproximação utilizadas a partir de sua encenação. O MGTV, ainda com muitas limitações técnicas e de apresentação, segue uma tendência televisiva, com mais alguns recursos tecnológicos à disposição do apresentador. Mas as limitações que ainda existem devem ser superadas nos próximos anos, com a crescente adaptação das afiliadas da Globo ao seu modelo televisivo. Será necessário adaptar continuamente gestos e expressões com as novas tecnologias e com o gosto do público. Muitas mudanças estão por vir e, certamente, a apresentação deverá acompanhar tudo isso. A disputa da TV aberta com os canais pagos e com a internet está cada vez mais acirrada e o estilo de apresentação pode ser a chave para aproximar esse público. O poder do apresentador é eficaz para isso. Ele é a “cara” da notícia, da emissora.

Referências

COUTINHO, Iluska. **Leitura e análise da imagem**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 330-344.

DEBRAY, Régis. **Os paradoxos da videosfera**. In: DEBRAY, Régis. **Vida e Morte da Imagem, uma história do olhar no ocidente**. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 293-323.

GUTMANN, Juliana Freire. **Articulações entre dispositivos televisivos e valores jornalísticos na cena de apresentação do Jornal Nacional**. GP Telejornalismo. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom (CD'ROM). Curitiba, 2009.

HAGEN, Sean. **Jornalismo, mito e linguagem**: uma abordagem teórica dos apresentadores-estrela. In: VIZEU, Alfredo (org). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 29-45.

KYRILLOS, Leny. **Voz e corpo na TV**: a fonoaudiologia a serviço da comunicação / Leny Kyrillos, Cláudia Cotes e Deborah Feijó; prefácio Caco Barcellos. São Paulo: Globo, 2003.

MGTV 1ª EDIÇÃO. Juiz de Fora: TV Integração. Edições de 28/08/2017, 06/09/2017, 15/09/2017, 23/09/2017 (vídeos). Disponível em <http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/mgtv-1edicao/videos/>. Acessos entre 10/2017 e 11/2017.

PEREIRA, Ariane. **Expressividade e aproximação com o público**: as mulheres na bancada do JN e as mudanças na forma de se apresentar as notícias. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs). **Telejornal e praça pública**: 65 anos de telejornalismo. Coleção Jornalismo Audiovisual. V.4. Florianópolis: Insular. 2015. p. 295-317.

PNAD - PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS: Síntese de Indicadores 2015 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

PORCELLO, Flávio. **Mídia e poder**: os dois lados de uma mesma moeda: A influência política da TV no Brasil. In: VIZEU, Alfredo (org). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 47-79.

PORCELLO, Flávio. **TV e poder**: as relações sombrias que ajudam a fazer a história recente do Brasil. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; MOTA, Célia (orgs). **Telejornalismo**: a nova praça pública. Florianópolis: Insular, 2006. p. 145-165.

PORCELLO, Flávio; RAMOS, Roberto. **Âncora na TV**: A celebração do discurso do poder. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs). **O Brasil Editado**. Coleção Jornalismo Audiovisual. V.1. Florianópolis: Insular. 2012. p. 211-231.

SALAZAR, Érica. Érica Mansoldo Salazar: entrevista [novembro, 2017]. Entrevistador: Gabriel Landim de Souza. Juiz de Fora: Em TV Integração, 2017. Entrevista concedida ao artigo “O Corpo do Apresentador no Telejornal: o Gestual em Cena”.

WEIL, Pierre. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal, por Pierre Weil e Roland Tompakow. 74. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.